

NOTA TÉCNICA 04/2020

# O problema das subnotificações da covid-19

Luis Alceu Paganotto

08 de maio de 2020

## Ficha técnica

Núcleo de Estudos em Economia Social e Demografia Econômica, Universidade Federal do Paraná  
Secretaria do Estado da Saúde, Governo do Paraná

## Colaboradores

### Núcleo de Estudos em Economia Social e Demografia Econômica

Profa. Dra. Raquel Guimarães  
Prof. Dr. Junior Ruiz Garcia  
Profa. Dra. Angela Welters  
Profa. Dra. Denise Maria Maia  
Luis Alceu Paganotto  
Eron José Maranhão  
Rossana Ribeiro Ciminelli  
Cassio Rolim

### Secretaria do Estado de Saúde do Paraná, SESA/PR

Carlos Alberto Gebrim Preto (Secretário do Estado de Saúde do Paraná)  
Nestor Werner Junior (Diretor Geral da Secretaria do Estado de Saúde do Paraná)  
Maria Goretti David Lopes (Diretora de Atenção e Vigilância em Saúde)  
Dra. Acácia Maria Lourenço Francisco Nasr (Coordenadoria de Vigilância Epidemiológica)

Esse trabalho deve ser citado como:

PAGANOTTO, Luis Alceu. **O problema das subnotificações da covid-19**. Nota Técnica Nesde/UFPR 04/2020. Curitiba: UFPR e SESA, 2020. doi 10.17605/OSF.IO/YTU3C



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional 4.0 Creative Commons - Atribuição Não Comercial.

Para qualquer uso comercial, por favor contate-nos: [nesde@ufpr.br](mailto:nesde@ufpr.br)

As Notas Técnicas do Núcleo de Estudos em Economia Social e Demografia Econômica (Nesde/UFPR) recebem uma revisão limitada. As opiniões ou opiniões expressas neste documento não representam necessariamente as da Universidade Federal do Paraná ou de outras instituições que apoiam seu trabalho.

## O problema das subnotificações da covid-19

O cenário provocado pela expansão da covid-19 no mundo, considerando apenas os [números oficiais](#), já tem uma dimensão catastrófica que nós não esperávamos ter de enfrentar. Mas, além dos números oficiais, a realidade pode ser ainda mais assustadora. Um motivo de preocupação constante é a questão da subnotificação de casos, ou seja, quantos casos não entram nas estatísticas sobre o assunto, seja porque os sistemas de monitoramento não deram conta ou porque simplesmente não foram identificados sinais da doença em pessoas infectadas pelo vírus.

Uma tentativa de criar um modelo estatístico capaz de medir a proporção efetiva da população contaminada, criado pelo [Centro de Informação e Informática em Saúde da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP](#), leva em consideração os números relativos à Coreia do Sul, um dos poucos países que têm conseguido aplicar testes em massa na sua população. Com base nas estatísticas sobre a população da Coreia do Sul, é possível estabelecer a taxa de mortalidade em relação à população infectada, considerando também a mortalidade por faixa etária. Com base nesses parâmetros e considerando o número de óbitos registrados no Brasil, é possível estimar o total de infectados no país, com razoável confiabilidade.

Uma ideia de caráter menos científico, mas não menos importante da magnitude do problema, pode ser vista na [reportagem publicada na página da ESPN no dia 7/5/2020](#), relativa ao Clube de Regatas do Flamengo, talvez o mais tradicional clube de futebol do Brasil, com sede no Rio de Janeiro. Tentando voltar às atividades profissionais, o clube se propôs a realizar testes para detecção do vírus em todos os jogadores, comissão técnica, funcionários diretamente envolvidos com a atividade e mais seus familiares e conviventes com esses profissionais.

Foram realizados 293 (duzentos e noventa e três) testes. Resultado: 38 (trinta e oito) positivos, todos sem sintomas. Os portadores do vírus, portanto, representam 13% (treze por cento) da população testada pelo Flamengo. Claro que se trata de uma amostra pequena em um grupo bem específico, porém um grupo que teoricamente não precisa se expor tanto ao contato social. Finalizando, se considerarmos que no Brasil a epidemia está ainda longe de atingir seu pico, é possível que a proporção de portadores do vírus seja infinitamente maior do que os números oficiais conseguem representar. O isolamento social continua a ser a única “ferramenta” mais ou menos eficaz contra a contaminação.